

Observando o adversário: avaliações de um adido militar brasileiro em Buenos Aires (1914-1915)

Watching the adversary: evaluations of a brazilian military attaché in Buenos Aires (1914-1915)

Observando al adversario: evaluaciones de un agregado militar brasileño en Buenos Aires (1914-1915)

Bruno de Melo Oliveira¹
ID [0000-0003-4503-9825](#)

Resumo: O presente artigo visa apresentar as informações obtidas pela atividade da aditânciia militar brasileira sobre o grau de desenvolvimento das Forças Armadas Argentinas. Esta reflexão é parte integrante do atual que integra pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense, que trata do estudo sobre aspectos da Política Brasileira de Defesa, mais precisamente sobre a implementação de unidades aéreas nas porções meridionais do território brasileira na década de 1920. Este tema se insere no processo de modernização da força terrestre brasileira com apoio da Missão Militar Francesa. Para tanto, faremos uso do relatório apresentado ao Estado-Maior do Exército Brasileiro pelo capitão de artilharia Genserico de Vasconcellos que integrou a Legação Brasileira em Buenos Aires entre os anos de 1914 e 1915. Estamos diante de uma tipologia de fonte que não foi devidamente empregada em estudos dedicados à História Militar e História das Relações Internacionais Brasileiras na República Velha.

Palavras-chave: Adido Militar. Exército Brasileiro. Exército Argentino. Estado-Maior do Exército Brasileiro.

Abstract: This article aims to present information obtained by the Brazilian military attaché on the level of development of the Argentine Armed Forces. This reflection is an integral part of the current postdoctoral research at the Institute of Strategic Studies of the Fluminense Federal University, which deals with the study of aspects of Brazilian Defense Policy, more precisely on the implementation of air units in the southern portions of the Brazilian territory in the 1920s. This theme is part of the process of modernization of the Brazilian land force with the support of the French Military Mission. To this end, we will use the report presented to the General Staff of the Brazilian Army by artillery captain Genserico de Vasconcellos, who was a member of the Brazilian Legation in Buenos Aires between 1914 and 1915. We are dealing with a type of source that has not been properly used in studies dedicated to Military History and the History of Brazilian International Relations in the Old Republic.

Keywords: Military Attaché. Brazilian Army. Argentine Army. General Staff of the Brazilian Army.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar información obtenida a través de las actividades del agregado militar brasileño sobre el nivel de desarrollo de las Fuerzas Armadas Argentinas. Esta reflexión es parte integrante de la actual investigación postdoctoral en el Instituto de Estudios Estratégicos de la Universidad Federal Fluminense, que trata del estudio de aspectos de la Política de Defensa brasileña, más precisamente sobre la implantación de unidades aéreas en las porciones sur del territorio brasileño en la década de 1920. Este tema es parte del proceso de modernización de la fuerza terrestre brasileña con el apoyo de la Misión Militar Francesa. Para tal efecto, utilizaremos el informe presentado al Estado Mayor del Ejército Brasileño por el capitán de artillería Genserico de Vasconcellos, quien formó parte de la Legación brasileña en Buenos Aires entre 1914 y 1915. Nos encontramos ante un tipo de fuente que no ha sido adecuadamente utilizada en los estudios dedicados a la Historia Militar y a la Historia de las Relaciones Internacionales de Brasil en la Antigua República.

Palabras-clave: Agregado Militar. Ejército Brasileño. Ejército Argentino. Estado Mayor del Ejército Brasileño.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Atualmente em estágio de Pós-Doutorado pelo Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense - UFF. Professor do Magistério Superior do Comando da Aeronáutica. *Lattes: [4716268217125455](#) - E-mail: campeator@yahoo.com.br.*



Bruno de Melo Oliveira

*Observando o adversário: avaliações de um adido militar brasileiro
em Buenos Aires (1914-1915)*

Introdução

O presente artigo integra uma pequena fração da reflexão atinente ao estágio de pós-doutorado desenvolvido no Instituto Estudos Estratégicos e Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense (INEST- UFF) no qual a preocupação principal é a instalação de primeiras unidades aéreas no Rio Grande do Sul em princípios da década de 1920. Entretanto, para tratarmos de forma adequada tal objeto, precisamos analisar o plano de fundo que permitirá o estabelecimento das organizações militares pautadas na atividade aérea em apoio às operações terrestres. O real significado delas está ancorado no contexto histórico da rivalidade entre Brasil e Argentina em princípios do século XX. Sendo assim, optamos por um recorte específico, no qual as preocupações estratégicas brasileiras aparecem por meio das observações e reflexões de determinados atores integrantes das estruturas estatais brasileiras, especialmente os pertencentes ao corpo militar.

Objetivando contribuir para melhor circunscrever cronologicamente a análise sobre nosso tema, empregaremos como fonte principal o livro intitulado *Argentina militar e naval* de autoria do então primeiro-tenente Genserico de Vasconcellos (1915). Integrando o *corpus* documental de forma subsidiária, faremos uso de notícias publicadas em jornais do Rio de Janeiro como *A Imprensa*, *Revista da Semana*, *Fon-fon*, documentos de natureza estatal como *Relatório do Ministério das Relações Exteriores*, o *Diário Oficial da União* e os *Relatórios do Estado-Maior do Exército*. Tal opção se faz necessária para uma compreensão mais apurada do momento vivenciado pela Política Externa Brasileira, delimitando-a aos aspectos recolhidos por um agente histórico e aos que condicionaram a elaboração de seu testemunho.

Nos parágrafos a seguir faremos considerações, ainda que por vezes não tão aprofundadas dada ao ineditismo da presente iniciativa, sobre como e que informações são trazidas à baila por adidos militares brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Pensar nos esforços destes atores é refletir sobre aquilo que era desejado pelos planejadores da Defesa do Brasil e nos elementos que, porventura, consideravam como mais pertinentes. Em face de nossas atuais necessidades de pesquisa, daremos mais destaque aos elementos que fomentam as preocupações com as novas tecnologias de uso bélico do período, especialmente às ligadas à atividade aérea.

Contexto Brasil-Argentina



Para este cenário político internacional, podemos ainda perceber certa continuidade dos dilemas estratégicos herdados dos tempos coloniais, a parcela meridional Brasil foi objeto de preocupações com os componentes fronteiriços, como nos lembra Adelar Heinsfeld (2007). Ao contrário do ambiente amazônico, a maior intensidade da ocupação humana no sul, em comparação com o ambiente de floresta equatorial, invariavelmente influenciou nesse ponto. As relações com o antigo Vice-Reino do Prata e as animosidades com os países hispânicos daí surgidos reverberou de tal forma que o Rio Grande do Sul se tornou o segundo estado do Brasil em termos de quantitativo de tropas do Exército Brasileiro. Legado das tensões em tempos da Guerra de Cisplatina (1825-1828), das rivalidades com a Argentina e da configuração do teatro de operações na Guerra do Paraguai (1864-1870), as terras gaúchas tornaram-se mais sensíveis estrategicamente.

O ocaso da Monarquia Brasileira e a ascensão do Regime Republicano chegou a criar um ambiente ideológico que permitia simpatias e aproximações entre Brasil e Argentina. Clodoaldo Bueno (2024) adverte que, por vezes de forma pouco crítica, as autoridades brasileiras mostravam-se permissivas com as solicitações argentinas no âmbito econômico e territorial. A visão positiva que estimulava uma perspectiva fraternal entre os dois países era mais nutrida pelos republicanos recém-empossados e senhores dos negócios políticos nacionais do que seus equivalentes portenhos. As necessidades de atender os interesses agrários brasileiros e a saúde financeira da balança comercial atuaram como contrapeso das ilusões dos primeiros anos da República Velha. Problemas na delimitação das fronteiras do Brasil com a região platina também ajudaram os novos governantes brasileiros a terem uma posição menos adocicada diante dos vizinhos. A *Questão de Palmas*, que quase fez o Brasil perder frações significativas de terras dos estados do Paraná e Santa Catarina na gestão do Ministro das Relações Exteriores Quintino Bocaiúva, por conta do Tratado de Montevidéu (1890). Posteriormente, tal medida foi revertida por meio de arbitramento internacional em 1895.

A virada para o século XX expõe um processo que levou a um estímulo de desconfiança entre Brasil e Argentina. A atuação do Ministro das Relações Exteriores da Argentina, Estanislau Zeballos, negociador do citado *Tratado de Montevidéu* e ardoroso fustigador dos interesses brasileiros, mostrou-se um problema para a Política Externa do Brasil. Diante do projeto de rearmamento naval brasileiro, o chanceler argentino promoveu uma campanha para criar uma opinião pública negativa ao Brasil por meio do jornal portenho



La Prensa. Ainda que tenha sido destituído do ministério por grupos desejosos de implementar ações apaziguadoras, Zeballos representou por mais alguns anos uma perspectiva agressiva. A postura conflitava do político argentino confrontava-se com a política desenvolvida pelo Barão do Rio Branco, chegando a publicar falsas informações oficiais sobre as pretensões belicistas brasileiras contra a Argentina, em 1908. Tais documentos que embasaram a denúncia seriam provenientes do gabinete do Barão do Rio Branco, acusado de dissimular suas ações pacifistas. Ainda que reveladas posteriormente como falsas, as informações feriram de forma imediata a imagem do Brasil na sociedade argentina. A atuação do jornal *La Razón* mostrou-se, no entanto, importante para desconstruir a descoberta de Zeballos, deixando claro que nos telegramas e documentos do Barão não havia nenhuma intenção agressiva contra a Argentina (Heinsfeld, 2007).

Processo de modernização das forças armadas sul-americanas, fator que instigou a desconfiança entre os países da porção meridional do continente americano. Velhos problemas lindeiros, o desenvolvimento de novos meios de guerra e as pretensões político-econômicas vindas de fora da América do Sul motivaram os esforços de alguns países em adequar suas forças armadas aos novos tempos. Peru, Bolívia, Chile e Argentina lançaram-se à tarefa de tornar aptas suas estruturas militares. Tais estados optaram pela prussianização de suas forças, fazendo contratar missões para adestramento de seus exércitos, ensinar novas doutrinas e fornecer modernos armamentos. Os casos chileno (Quiroga & Maldonado, 1988) e argentino (Santiago, 2018) ilustram bem a direção dada a reestruturação de suas instituições militares, claudicando o Brasil em seus intentos nos primeiros decênios do século XX.

O conjunto dos elementos acima expostos, preocupações brasileiras eram dirigidas ao extremo sul do país encontramos um ponto particular. A formação da geografia militar sul rio-grandense explica a necessidade imperativa nos primeiros anos do século XX em se empreender missões de mapeamento cartográfico e estabelecimentos de linhas telegráficas pelos rincões mais distantes do Brasil em conexão com o poder central. Dessa mesma época, como recorda o relatório do Estado-Maior do Exército Brasileiro do ano de 1911, foram efetuadas missões de mapeamento, demarcação de fronteira e levantamento geodésico no Rio Grande do Sul. Estas ações ocorreram sob a condução do então Capitão Engenheiro Alfredo Malan D'Angrogne, outrora integrante da missão Rondon e, posteriormente, um dos negociadores da vinda de uma missão francesa de instrução em aviação em 1917 e 1918. As



cartas geográficas eram um importante instrumento de conhecimento e controle de terras. Como bem nos recorda o geógrafo francês Yves Lacoste (2012), a geografia serve (também) para se fazer a guerra. O próprio relatório apresentado pelo Estado-Maior enfatiza a importância do trabalho de reconhecimento do terreno, principalmente para aqueles que potencialmente teriam chances de se engajar em um confronto nas terras mapeadas. O trabalho dos membros do então Serviço Geográfico Militar mostrou-se de suma importância para a atuação dos membros das Armas Combatentes (Infantaria, Cavalaria e Artilharia) do Exército Brasileiro contra um hipotético cenário de conflito com a Argentina.

Apesar da separação territorial imposta pelos rios Uruguai e Quaraí, que aparta o solo brasileiro, respectivamente, da Argentina e do Uruguai, as terras gaúchas permaneciam como zonas extremamente sensíveis, especialmente nas pouco habitadas da porção oeste sul-riograndense. A modernização da força terrestre platina, com o incremento dos seus meios de guerra e do aperfeiçoamento de sua organização impuseram grandes preocupações ao Estado Brasileiro, representando uma ameaça a sua soberania. O ano de 1908 foi particularmente difícil nas relações entre Brasil e Argentina e o fantasma de um embate armado esteve presente mais de uma vez, justificando assim as preocupações em aumentar os efetivos militares em ambos os países. As medidas levadas a cabo pelas duas nações eram vistas por cada uma delas como um movimento que objetivava garantir vantagem em um eventual conflito. Este ambiente de insegurança e desconfiança enquadra-se no *Dilema de Segurança de Hertz* (1950), o que força os países envolvidos nas questões da região do Rio da Prata a tomar uma posição visando estabelecer uma pela hegemonia política, fato que forçava ao necessário acompanhamento dos movimentos de seu vizinho.

Diplomacia e aditância militar

O tópico presente possui um perfil mais teórico. Em face das realidades abordadas no presente artigo, seus componentes demandam a devida precisão conceitual visando sustentar a análise sobre a convergência das tarefas diplomáticas e a atividade militar. Adentramos aqui no âmbito da interconexão entre as atividades burocráticas da política externa e das atribuições específicas da profissão militar. Conceitualmente, visando favorecer um melhor entendimento sobre os movimentos da arena internacional, logo se faz mister definir e apresentar alguns elementos incontornáveis para nossa presente análise, como aquilo que entendemos por Diplomacia. Segundo José Calvet Magalhães (1996, p. 82-83), Diplomacia é



“um instrumento ao serviço da política externa tal como o é a guerra”, no entanto, “[...] é um instrumento da política externa para estabelecer contacto pacífico entre os detentores de poder político de dois Estados”.

Portanto, as relações estabelecidas entre entidades estatais, ainda com níveis específicos de rivalidades e tensões, implica no estabelecimento de contatos via seus consulados e embaixadas. No caso avaliado aqui, a aproximação foi feita pelas Legações e pelo corpo de funcionários estabelecido ao redor do Chefe da Legação Brasileira em Buenos Aires. Estas instituições acabam por se configurar em pontos de apoio da autoridade política brasileira em solo estrangeiro, atuando como porta-voz dos interesses da capital. Não se limitando somente a este aspecto, estes organismos também se inserem em uma rede de informações que, quando coletadas, alimentam o nível de conhecimento sobre os países onde as Legações estão instaladas.

Acerca deste tema, Durosselle (2000) enquadra tais agentes nas ações para estabelecer diretrizes de ação que porventura um Estado precisa levar a diante sua interlocução com um outro ente estatal. O internacionalista francês trata estes profissionais como atores do planejamento da política externa, dividindo-os em detentores de poder e os executores. Focalizaremos na atuação dos chamados executores no qual o oficial brasileiro se enquadra. Segundo Durosselle (2000, p. 102), eles podem cumprir a missão de informadores, pois são os “[...] encarregados de coletar dados destinados a ajudar os que detêm o poder de decisão e os executores”. A reunião de dados pode provir das mais diversas fontes, sejam elas oriundas das legislações, notícias políticas, econômicas ou culturais em periódicos, discursos publicados, livros, testemunhos ou observações diretas. O conjunto destes elementos passa a ser um componente de grande valia para o planejador. Retomando aqui a contribuição de Durosselle (2000, p. 103), a “[...] condução da política externa de um país é fortemente afetada pela natureza e pela estreiteza dos laços existentes entre diplomatas e militares no âmbito da execução”.

Neste trabalho minucioso de recolha entra em cena um ator pouco lembrado e que, portanto, não foi muito objeto de análises, estudos ou dissertações. Estamos a falar dos *Adidos Militares*: grandes injustiçados da história, segundo Alfred Vagt (1967). Em uma obra até pouco citada, *The Military Attaché*, Vagt faz uma profícua ponderação sobre o papel do Adido Militar na História Militar, abordando seus primórdios, a evolução da atividade e as características e missões executadas por estes agentes. Advertimos, infelizmente, para o caso



brasileiro, nenhum estudo similar foi produzido. Até o momento o tema e a trajetória da aditância militar foi relegada em um segundo plano. Portanto, estamos nos amparando no trabalho do pesquisador norte-americano como um ponto de referência na construção de nossa reflexão atual. Independente, contudo, das possíveis peculiaridades nacionais, o escopo de atuação do adido pode muito bem ser circunscrito a algumas atribuições. Segundo Vagt (1967, p. IX), “[...] eles [os adidos militares] receberam ordens específicas para observar, julgar e relatar eventos militares estrangeiros e economia, organizações, desenvolvimentos, personalidades e material, bem como o pensamento militar”.

Esta preocupação com a existência, natureza e qualidade da informação é tratada por John Keegan (2006), ainda que seu foco incida sobre a atuação em tempo de guerra, como bem fica explicitado na organização do livro dedicado a este objeto. A “utilidade da inteligência na guerra” está na necessidade de envidar “[...] esforços para evitar que o inimigo obtenha uma vantagem militar e para obter essa vantagem para si” (Keegan, 2006, p. 20).

Ainda que tenhamos a presença de um profissional militar como Genserico de Vasconcellos no seio da equipe diplomática, seu serviço principal ficava adstrito a necessidade de preparação para a guerra. Na vida corrente, porém, sua atuação integrava o conjunto da diplomacia, especialmente no trato dos contatos com a estrutura militar do país em que se encontrava e no apoio de segurança na recepção e acompanhamento de autoridades patrícias. Como destaca John Keegan (2006, p. 21), “[...] em tempo de paz esses serviços podem simplesmente ter um funcionamento de rotina”. Contribuir na costura de bons relacionamentos inter-estatais e coletar informações relevantes, manutenção da paz e preparo para a guerra, assim se erige o trabalho do adido militar, em nossas considerações. Esta aparente contradição não deve ser pensada como práticas antagônicas, mas um todo articulado na política externa de um país. É uma questão de sobrevivência do ente estatal, independente do método empregado.

Genserico de Vasconcellos e seu parecer

Nesta nossa preocupação com a atuação da aditância militar brasileira, chamamos a atenção para o caso levantado sobre o Tenente Genserico de Vasconcellos. Em primeiro lugar, vale destacar que a sua figura encontra muitas citações nos jornais das publicações periódicas do Rio de Janeiro, então capital federal, entre fins do século XIX até princípios do século XX. Tal recorrência de menções a seu desempenho escolar e a participação em comissões



designadas pelo Ministério da Guerra talvez indique a grande capacitação profissional e nível cultural desta personalidade.

Na ausência de acesso a sua *Folha de Alterações*, optamos por rastrear sua trajetória em meio a fragmentação e dispersão de informações. No livro *Nova História da literatura brasileira*, do General Liberato Bittencourt (1947), pudemos encontrar uma breve biografia de Genserico. O militar nasceu em 1º de novembro de 1881, sentou praça em 1897 e tornou-se alferes-aluno em 1904. Por merecimento, alcançou o posto de major em 1926. Por conta de sérios problemas de saúde, finalizou a carreira como Coronel. Bittencourt qualificava Genserico como um "Oficial brilhante, de espírito bélico sempre excitado, a se bater, em livros e jornais, pelas mais importantes questões profissionais" (Bittencourt, 1947, p. 298). Por sua vez, Francisco de Paula Cidade situa o militar no movimento do "renascimento militar brasileiro", contexto de renovação profissional da força terrestre " [...] que se verificou de baixo para cima e que se estendeu de 1909 a 1920, pois começou com a primeira turma de aspirantes da Escola de Guerra de Porto Alegre e estendeu-se até o início dos trabalhos da Missão Militar Francesa" (Cidade, 1959, p. 417). O militar faleceu em 1943.

Logo no começo de sua carreira militar recebeu destaque no *Diário Oficial da União*. Na edição de 19 de dezembro de 1899 foi laureado pelo desempenho no exame de disciplina de Língua Francesa no primeiro ano. No ano seguinte, no *Diário Oficial* de 1º de janeiro de 1900 foi elogiado pelo êxito no exame de Geografia. Nos jornais de circulação geral para a população do Rio de Janeiro notícias desta natureza eram veiculadas correntemente, como na publicação d'*A Imprensa* (1901, p. 2), por exemplo. Após passar pela Escola Preparatório de Tática em Realengo, Genserico de Vasconcellos se matriculou na Escola Militar do Brasil conforme exposto na edição do *Diário Oficial da União* de 23 de março de 1902. Em 6 de setembro 1904, já como alferes-aluno, foi designado interinamente como ajudante de ordens no Estado-Maior do Exército. Em 1907 participou de um *raid hípico* noticiado na *Revista da Semana* (1907, p. 17) (Figura 1). Em 22 de março de 1908, ainda como alferes-aluno, Genserico de Vasconcello foi destituído do cargo interino de secretário da Fábrica de Cartuchos e Artifícios de Guerra.

Figura 1 – Genserico de Vasconcelos após a conclusão de raid hípico até São Paulo



Fonte: Revista da Semana (1907, p. 17).

Já como tenente, Genserico de Vasconcelos desempenhou uma missão técnica em viagem à Alemanha, em 1909, visando estudar novos sistemas de atrelagem para veículos militares de tração animal. Pelo que as publicações da época informaram, desta análise veio a luz parecer destinado ao Estado-Maior do Exército. Concluiu a Escola de Artilharia e Engenharia em 1910, segundo o *Almanak do Ministério da Guerra* (1911, p. 32). A formatura dos novos “Bachareis Militares” foi noticiada pela revista de variedade *A Careta* naquele ano (Fig. 2). Seja pela formação educacional para a Arma da Artilharia, seja pela experiência profissional nas organizações militares nas quais teve oportunidade de labutar, o oficial exercitou-se na burocracia do Exército Brasileiro, empreendendo estudos técnicos sobre os temas atinentes à corporação. Não podemos deixar de lembrar que a formação de um oficial de Artilharia destes perpassou uma série de conteúdos de Ciências Naturais, Exatas e Físicas que lhes garantiu a capacitação para a realização de avaliações sobre as tecnologias vigentes em sua época. A cultura acadêmica das escolas militares também delimitou sua capacidade de observar diante de determinados desafios sociais e políticos como verificaremos nos parágrafos a seguir.



Bruno de Melo Oliveira

*Observando o adversário: avaliações de um adido militar brasileiro
em Buenos Aires (1914-1915)*

Figura 2 - Formatura do Curso de Engenheiro Militar em Realengo
BACHAREIS MILITARES



Fonte: A Careta (1910, p. 29).

Em 1914, o primeiro-tenente Genserico de Vasconcellos foi nomeado para servir na Legação Brasileira na Argentina, podendo, portanto, fazer uso de sua erudição a serviço do planejamento da Defesa do Brasil. Subordinado ao chefe da legação enquanto integrante da burocracia do organismo, o militar brasileiro reportava suas considerações ao Estado-Maior do Exército Brasileiro, principal ente no trato dos temas bélicos do Brasil. Como adido militar, Vasconcelos era subordinado no cotidiano ao chefe da legação, mas era ao Estado-Maior que deveria prestar contas. Para isso, a referida instituição possuía um projeto de reestruturação na qual as atividades dos adidos seriam informadas à 2 a Subseção dedicada aos membros do Exército presentes em território estrangeiro (Exércitos Estrangeiros) que estava subordinada a 2a Seção de Informações, Estudo e Planejamento para a Guerra, como fica explícito no relatório relativo ao ano de 1915, publicado em princípios de 1916 (Estado-Maior do Exército, 1916, p. 5).

Em seu primeiro ano de atuação, Genserico de Vasconcelos acompanhou o Ministro das Relações Exteriores Lauro Müller em sua visita à fronteira argentina e uruguaia e à expedição da comissão binacional de mapeamento hidrográfico da região, como aparece no relatório anual do Ministério de Relações Exteriores publicado em 1915 (Ministério das Relações Exteriores, 1915, p. 22-23). Além disso, como bem relatam os jornais brasileiros,



Genserico foi convidado a conhecer as instalações das unidades militares em Buenos Aires, as áreas de treinamento na periferia da capital portenha e as autoridades militares daquela região. Tais visitas fomentaram interações que se mostraram de grande relevância para a seleção de informações para o Estado-Maior Brasileiro, sendo subsídio para a grande análise elaborada no seu relatório intitulado *A Argentina militar e naval*, publicado em 1915. Curiosamente, apesar de constituir um documento de grande relevância para o planejamento militar, texto era amplamente publicizado. A obra foi divulgada em diversos jornais do Rio de Janeiro por conta da sua importância aos interessados nos estudos sobre a defesa da soberania brasileira. As revistas de variedades como a *Revista da Semana* (1915) e a *Fon Fon* (1916), a revista de divulgação militar a *Revista da Artilharia* (1918) e os jornais *A Notícia* (1915) e *A Rua* (1916) mencionam a obra em suas páginas. Não era um documento classificado como restrito. Na verdade, como salienta Clodoaldo Bueno (2022), não havia nos primeiros anos da República muitas limitações à escrita pessoal dos militares, nem existiam grandes censuras ou repreensões no trato de vários temas, inclusive os atinentes ao planejamento estratégico brasileiro.

O relatório do militar brasileiro é um instrumento rico para a pesquisa em história militar, estudos estratégicos e relações internacionais. Mostra-se também como uma peça que contribui para avaliar o nível de instrução de um oficial subalterno da Arma da Artilharia em princípios do século XX. Descontam-se componentes atrelados aos talentos pessoais do militar, devemos perceber que o valor do texto é fornecido também pelo tipo de formação que o indivíduo dispunha. Não avançaremos aqui neste tema, apenas alertamos para não a individualização dos atributos pessoais, desconectando-os de seu meio e de sua trajetória profissional e acadêmica. Deixemos o aprofundamento desta questão quase de Sociologia e História da Educação para outra oportunidade. Fixemo-nos mais no conteúdo da investigação empreendida pelo militar sobre a realidade militar argentina.

O livro *A Argentina militar e naval* compila uma série de observações diretas, análise de regulamentos do Exército Argentino, dados estatísticos da economia argentina, organização da Marinha, descrição e comentários sobre a malha ferroviária e suas funções na circulação de bens e pessoas e suas possibilidades como importante ferramenta de mobilização, deslocamento, concentração e desdobramento de tropa, e transporte de materiais bélicos e de subsistência. Estes elementos, via de regra, são objeto de comparação com o estado de desenvolvimento econômico, social, educacional e militar do Brasil, percebendo as



fragilidades que punham em cheque a real capacidade brasileira em empreender resistência a uma eventual incursão argentina. Em termos de formação militar, Genserico de Vasconcellos lamenta a excessiva formação em Ciências Naturais dos oficiais brasileiros, que evidencia o estado de atraso no que tange a profissionalização militar e a adequação de seus conhecimentos à realidade do começo do século XX. Nota-se a influência de obras militares e doutrinárias alemães tratadas nas escolas argentinas. Por exemplo, *Nação Armada* de Golmar von Goltz, que se dedica ao moral do militar e da necessidade de se formar um soldado cidadão. Esta literatura militar alemã, na década de 1910, era de ampla circulação, sendo notada nos relatórios do Estado-Maior do Exército Brasileiro. Não desmerecemos a importância dos elementos atinentes à Força Naval da Argentina, apenas nos concentramos em pontos do planejamento do Exército Argentino e seus impactos na defesa fronteiriça do Sul do Brasil.

Chamaremos atenção para um ponto que não representa o núcleo da reflexão do Tenente Genserico de Vasconcellos, mas que ocupa um papel de certo destaque em seu relatório, que é a *Manobra na Província de Entre Ríos*, realizada pelo Exército Argentino em 1914. O exercício militar que ocorreu com a participação do oficial como um observador estrangeiro convidado foi notícia nos periódicos brasileiros. Os jornais *O Paiz*, *A Epoca* e o *Correio da Manhã*, em abril de 1914, publicaram breves reportagens sobre sua participação. Os temas militares estavam na ordem do dia na capital brasileira.

No tópico dedicado a *Escola de Aviação Militar*, *Escuela de Aviación Militar*, Genserico traça um breve histórico de sua constituição. Dedicada a formar pilotos, observadores e mecânicos de aviação, a entidade era fruto da parceria do Ministério da Guerra com o Aeroclube Argentino. A estrutura do ensino é resumida para os leitores, informando as atribuições da escola com base no decreto de criação do regulamento da referida instituição. É a partir deste tópico que o tema sobre a utilização da aeronave em exercícios ganha relevo. Não era apenas uma escola formadora de pilotos limitados a utilização do avião na navegação ou na execução de acrobacias. Havia já em 1914, ou seja, dois anos após a criação da organização, todo um conjunto de preocupações de natureza doutrinária. No item sobre as condições para a obtenção do diploma de aviador militar da Escola Militar de Aviação em El Palomar, ressalta que era obrigatório o aluno "[...] participar como piloto ou observador em exercícios militares ou manobras" (Vasconcellos, 1915, p. 252).



A primeira vez em que se articula a operação de um aeroplano em uma grande atividade de adestramento se operou justamente naquele abril, quando a "[...] acção dos aviadores militares nas manobras de 1914, em Entre-Rios, foi muito efficiente" (Vasconcellos, 1915, p. 253). O oficial brasileiro travou contato com o Tenente Agneta, um dos aviadores participantes das manobras. Segundo Vasconcellos, foi este militar que há pouco tempo tornara-se o "[...] primeiro na Argentina a realizar experiencias efficazes de ligação da artilharia com o aeroplano" (Vasconcellos, 1915, p. 253). Sobre o tema, o tenente brasileiro destaca:

A artilharia argentina, por sua vez, tenta, desde anno de 1913, com o auxilio dos aeroplanos, organizar um regulamento da ligação do aeroplano com a sua acção no combate, afim de poder desvendar, com precisão e segurança, as posições desenfiadas do inimigo (Vasconcellos, 1915, p. 253).

Na organização do exercício, os argentinos prepararam-se na divisão de dois partidos (azul e roxo... *rojo*?) em um confronto simulado, empregando oficiais como observadores aéreos e aviadores, e cabos e sargentos somente como pilotos aviadores, em uma repartição de tarefas conforme o modelo já empregado na França. Nesta atividade:

Cada partido dispunha de uma esquadrilha de dous aeroplanos, uma formada de apparelhos Nieuport de 100 cavallos, a outra, de monoplanos Blériot de 80 H. P. Em condições de tempo as mais diversas, sem que ocorresse um accidente, os aviadores cumpriram as ordens dos chefes dos dous partidos (Vasconcellos, 1915, p. 253).

Apesar das deficiências apresentadas na execução do exercício, o teste revelou um resultado positivo. A representação de um movimento de ataque, uma incursão contra o inimigo mostrou-se eficiente, evidenciando o alto grau de instrução, disciplina e resistência do efetivo participante da manobra. A utilização, a partir de Buenos Aires, das vias férreas para o transporte do pessoal, material e víveres e a transposição do Rio Paraná com o uso de balsas (*ferry-boat*) para o desdobramento dos soldados mostrou-se muito promissora. O avanço nestes exercícios permitiria aperfeiçoar o estado de desenvolvimento do Exército Argentino, estimulando a formulação de doutrina racional e homogênea. Em suma, desde as reformas para modernização da sua Força Terrestre, a Argentina desenvolvia a largos passos com investimento orçamentário, armamentos e capacitação da tropa, ações identificadas como potenciais ameaças, conforme fica explícito no *Relatório do Estado-Maior do Exército Brasileiro* referente aos trabalhos realizados em 1915 (1916, p. 41-43), a integridade territorial e a soberania do Brasil.



Bruno de Melo Oliveira

*Observando o adversário: avaliações de um adido militar brasileiro
em Buenos Aires (1914-1915)*

Nos termos militares, a posição de Entre-Rios evidencia algo que não ficou tão explicitado no texto de Genserico de Vasconcellos, que é o aspecto estratégico que a província argentina detinha. A referida unidade da federação platina estava integrada a região denominada de Mesopotâmia Argentina, ou seja, era uma terra entre os Rios Paraná e Uruguai. Situada na porção sul, fazia limite com o Uruguai, travando contato, por meio do Distrito de Federación. A área uruguaia era identificada como caminho hipotético de uma incursão argentina contra o Brasil. As hidrovias permitiriam o transporte e desembarque de tropas vindas por ferrovias. Ainda que não fosse a parte da Mesopotâmia mais próxima do território do Rio Grande do Sul, permitia acesso ao Brasil. Era um cenário geográfico partilhado por Brasil, Uruguai e Argentina, uma região com as mesmas características físicas do suposto teatro de operações entre os dois grandes países sul-americanos. O emprego de aeronaves do tipo *Bréguet*, como os citados pelo oficial brasileiro em seu relatório, permitiria não apenas orientar a artilharia em uma campanha, mas poderia atuar, hipoteticamente, como ferramenta de ataque. O aeroplano de origem francesa foi planejado para missões de observação e ligação e tinha, tendo condições de avançar sobre o solo uruguaio, podendo atingir porções meridionais gaúchas, como a cidade de Uruguaiana, situada no final de um ramal ferroviário que se conduzia até a capital do estado sulista brasileiro.

Considerações finais

Os primeiros anos do século XX apresentavam um cenário pouco favorável para as entidades militares brasileiras. O ambiente político sul-americano, em especial no entorno da bacia do Rio da Prata, atingiu um grau de tensão pela própria conjuntura de rearmamento de determinados países. Ainda que nesta época a competição não tenha se desdobrado em conflito armado, ele o existia de forma potencial. Além da capacidade de incrementar os meios bélicos das forças armadas, que corresponde à materialidade do desenvolvimento das instituições cuja missão é o fazer a guerra, existem outros expedientes. Estas ações, feitas muitas vezes em tempos de paixão, não chamam a mesma atenção que operações militares em um teatro de operações, mas possuem grande relevância para que estas porventura possam ocorrer.

O Estado-Maior do Exército Brasileiro, órgão de planejamento e estudo para a guerra, demandava informações fundamentais para suas atividades. Algumas destas provinham dos relatórios e pareceres dos adidos militares em terras estrangeiras. Estes coletores de notícias e



Bruno de Melo Oliveira

Observando o adversário: avaliações de um adido militar brasileiro em Buenos Aires (1914-1915)

dados atuavam como alimentadores da formulação de diretrizes da defesa de um país. Genserico de Vasconcellos ao estabelecer contatos com indivíduos pertencentes às forças armadas argentinas acessava, como testemunha ocular, a modernização militar platina em pleno funcionamento, contrastando, como se vê em inúmeras passagens de seu texto, com a realidade vivenciada pela própria força terrestre brasileira. O oficial tinha diante de si um espelho daquilo que parecia inalcançável para o Brasil: organização moderna, doutrina unificada, armamentos modernos e diretrizes de emprego estáveis.

O período de atuação do Tenente Genserico como adido era de grande fragilidade para o Brasil. Seus testemunhos evidenciaram os potenciais desafios bélicos em um hipotético teatro de operações do Rio Grande do Sul. A evolução dos meios de guerra traz um especial tom, pois as armas modernas permitem a uma força armada desenvolver ações de forma mais ágil e agressiva contra seus rivais. Com isso, por exemplo, a aviação militar recebe um peso e uma liberdade de até então não vistas nas operações. O domínio da terceira dimensão, como ferramenta de defesa, mesmo que em uma fase embrionária como a que viveu Genserico de Vasconcellos, correspondia a uma vantagem que não deveria ser desperdiçada.

Por certo, a atuação de um adido militar revela-se tão merecedora de respeito quanto um combatente na linha inimiga. Aqueles que trabalham nos bastidores, transitando entre autoridades e meios culturais da elite política das nações observadas e longe do calor da atividade bélica travam outras batalhas que os expõe a riscos de outra natureza.

Fontes

Periódicos

A Epoca. **A chegada a Buenos Aires do addido militar á Legação Brasileira.** Rio de Janeiro, ano III, n. 599, 15 de abril de 1914, p. 3.

A imprensa. **Exames.** Rio de Janeiro. ano III, n. 857, 6 de fevereiro de 1901, p. 2.

A imprensa. **Exames. Escola do Realengo.** Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1901, ano III, n. 862, p. 2.

A Notícia. **Livros Novos. A Argentina militar e naval.** Rio de Janeiro, ano XXII, n. 153, 23 de janeiro de 1916, p. 4.

A Rua. **A Argentia militar e naval. O livro do 1º tenente de artilharia Genserico de Vasconcelos, ex-addido miitar (sic) em Buenos Aires.** Rio de Janeiro, ano III, n. 32, 3 de fevereiro de 1916, p. 4.



Bruno de Melo Oliveira

*Observando o adversário: avaliações de um addido militar brasileiro
em Buenos Aires (1914-1915)*

Careta. **Bachareis militares**. Rio de Janeiro, n. 154, 13 de maio de 1911, p. 29.

Correio da Manhã. **O mau tempo prejudica as manobras do Exercito Argentino**. Rio de Janeiro, ano XIII, n. 5.537, 23 de abril de 1914, p. 6.

Correio da Noite. **O nosso addido militar em Buenos Ayres visita a escola de tiro - vae ser feita uma excursão pelos rios Paraná e Paraguay - Um desafio do coronel Astorga**. Rio de Janeiro, ano IX, n. 187, 18 de junho de 1915, p. 1.

Diário Oficial da União. **Ministério da Guerra. Escola do Realengo: resultado do exame final do 1º anno d' francez prestado ultimamente nesta escola**. Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 342, 19 de dezembro de 1899, p. 9.

Fon Fon: semanario alegre, político, critico, espusiente. **Livros**. Rio de Janeiro, ano X, n. 4, 22 de janeiro de 1916

O Paiz. **America. Argentina**. Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 10.790, 23 de abril de 1914, p. 5.

Revista da Semana. **Momento diplomático. VIII A viagem do Chanceller brasileiro**. Rio de Janeiro, ano XVI, n. 12, 4 de maio de 1915, p. 29.

Revista da Semana. **Rio de Janeiro... "Raid" Militar**. Rio de Janeiro, ano VIII, n. 360, 7 de abril de 1907, p. 17.

Revista de Artilharia. **O problema da aviação**. Rio de Janeiro, ano I, n. 3, 15 de julho de 1918, p. 4.

Relatórios

Ministério da Guerra. Relação nominal dos alunos que na Escola de Artilharia e Engenharia, na 1a época dos exames relativos ao anno lectivo de 1910, completaram o curso especial pelo regulamento de 18 de abril de 1898. In: Ministério da Guerra. **Almanak do Ministério da Guerra**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1911. p. 32.

Ministério das Relações Exteriores. Visita oficial do Ministro de Estado das Relações Exterior do Brasil ás Repúblicas Oriental do Uruguai, Argentina e do Chile. In: Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores: comprehendendo o periodo decorrido de 3 de maio de 1914 a 30 de junho de 1915. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915, p. 22-23.

Estado-Maior do Exercito. **Relatório dos trabalhos do Exercito relativo ao anno de 1915 apresentado ao Snr. Marechal Graduado José Caetano de Farias Ministro da Guerra pelo General de Divisão Bento Manoel Ribeiro Carneiro Monteiro Chefe do Estado-Maior do Exercito**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar do Estado-Maior, 1916.

Parecer



Bruno de Melo Oliveira

Observando o adversário: avaliações de um adido militar brasileiro em Buenos Aires (1914-1915)

Vasconcelos, Genserico de. **A Argentina militar e naval**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar do Estado-Maior do Exército, 1915.

Referências

Bittencourt, Liberato. **Nova história da literatura brasileira: sob moldes rigorosamente filosóficos e científicos em três partes distintas (e mais brasileira das publicações do século)**. Rio de Janeiro: s.e., 1947, 5v.

Bueno, Clodoaldo. **A República e sua política exterior (1889-1902)**. 2^a Ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2022.

Bueno, Clodoaldo. **Política Externa da Primeira República**: os anos de apogeu – de 1902 a 1918. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

Cidade, Francisco de Paula. **Síntese de três séculos de literatura militar brasileira**. Rio de Janeiro: Estabelecimento G. G. Cordeiro de Farias, 1959.

Duroselle, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá**: teoria das relações internacionais. Brasília-São Paulo: Editora UnB-Imprensa Oficial, 2000.

Heinsfeld, Adelar. **Fronteira Brasil/Argentina**. Passo Fundo: Méritos, 2007.

Herz, John H. Idealist internationalism and the security dilemma. **World Politics**, v. 2, n. 2, p. 157-180, 1950.

Keegan, John. Inteligência na guerra: começo do inimigo de Napoleão à Al-Qaeda. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Lacoste, Yves. **A geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 12^a Ed. - Campinas: Papirus, 2012.

Magalhães, José Calvete de. **A diplomacia pura**. 2 ed. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996.

Quiroga, Patricio & Maldonado, Carlos. **El prusianismo en las fuerzas armadas chilenas**: un estudio histórico 1885-1945. Santiago: Ediciones Documentas, 1988.

Santiago, Luis Rothkegel. **Proceso de professionalización de los ejército de Argentina y Chile periodo 1895-1935**: implicancias en los respectivos sistemas políticos nacionales. Santiago: Instituto Geográfico Militar, 2018.

Vagts, Alfred. **Military attaché**. Princeton-Nova Jérsei: Princeton University Press, 1967.

Submetido em: 15 de fevereiro de 2025

Avaliado em: 12 de abril de 2025

Aceito em: 14 de maio de 2025